

## **A TOTAL DÚVIDA SOBRE O AMANHÃ E O DESAFIO DE ENSINAR HISTÓRIA: CONCEPÇÕES DE TEMPO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS**

*Fernando Penna<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O tema do presente artigo é a relação entre as diferentes concepções de tempo e a percepção da possibilidade da agência no ensino de história. Para investigar essa relação, foram analisadas as concepções de tempo identificadas nos textos de alunos de uma turma do 8º ano de um dos professores acompanhados na pesquisa “Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula”. O referencial teórico que orientou a análise foi constituído pelas reflexões sobre a temática do tempo propostas por Reinhart Koselleck e Hans Ulrich Gumbrecht. As concepções de tempo apresentadas pela maioria dos alunos foram extremamente pessimistas e fatalistas, mas a existência de alguns poucos que acreditavam na responsabilidade de mudar o curso dos acontecimentos aponta para considerações importantes para a prática docente dos professores de história.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de história; tempo histórico; aprendizagem significativa.

**ABSTRACT:** The theme of this paper is the relationship between the different conceptions of time and the perception of the possibility of agency in teaching history. To investigate this relationship, I will analyze the concepts of time identified in the students' texts in an eighth grade class of a teacher accompanied in the research “Negotiating the distance between past, present and future in

---

<sup>1</sup> Professor adjunto de Pesquisa e Prática de Ensino de História da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

the classroom”. The theoretical framework that will guide these analyzes will be made up of reflections on the theme of time, proposed by Reinhart Koselleck and Hans Ulrich Gumbrecht. The conceptions of time presented by most students were extremely pessimistic and fatalistic, but the existence of a few students who believe in the responsibility to change the course of events points to important considerations for history teaching.

**KEYWORDS:** history teaching; historical time; meaningful learning.

Vivemos em um mundo em que todos os dias vemos a humanidade caminhar para um pior caminho. Pensar no quanto tempo ainda temos até todos nossos recursos acabarem é inevitável. Mas não podemos deixar de citar os desenvolvimentos tecnológicos. Um mundo que cresce e desenvolve-se cada vez mais e também traz preocupações. *Vivemos em total dúvida sobre o amanhã.*  
Texto produzido por Isadora<sup>2</sup>, aluna do 8º ano (grifos nossos).

O texto reproduzido acima foi escrito por uma aluna do 8º ano em resposta a uma atividade proposta durante uma aula de história. Ele é chocante para o leitor em vista da profunda incerteza acerca do futuro no discurso de uma pessoa tão jovem: ela se pergunta sobre quanto tempo ainda temos até que todos os nossos recursos acabem e afirma que *vivemos em total dúvida sobre o amanhã*. Palavras fortes. O mais perturbador nessa resposta, no entanto, não são as visões de passado, presente e futuro apresentadas, mas, diante do quadro representado, a ausência de menção à possibilidade de mudança, o fatalismo em virtude das desgraças vindouras. O texto a seguir reforça essa percepção:

---

<sup>2</sup> Os nomes dos alunos, mencionados no presente texto, são fictícios, para preservar a verdadeira identidade de cada um. Como o objetivo aqui não é investigar questões referentes ao letramento dos alunos, os erros de ortografia e concordância mais graves na sua produção textual foram corrigidos, com a intenção de facilitar a interpretação.

O mundo se desenvolve, mas o mundo não suporta. Talvez se nós economizássemos, quem sabe teríamos um futuro melhor? Mas *não fazemos o nosso destino*.

Texto produzido por Eliza, aluna do 8º ano (grifos nossos).

O mundo não está suportando o desenvolvimento. Essa condição presente, se não for alterada, só pode levar a um caminho: a expectativa do fim está implícita. Aqui também o que mais choca é a impossibilidade de mudança explicitamente enunciada. Eliza chega a imaginar uma possível solução, mas esta não importa, porque *não fazemos o nosso destino*.

A “total dúvida sobre o amanhã” não se deve exclusivamente à expectativa de ameaças terríveis, a falta de crença na possibilidade de mudar os rumos da humanidade também está na raiz dessa questão. A ideia de que não fazemos o nosso destino talvez seja ainda mais pernicioso do que uma expectativa terrível do futuro, porque elimina a esperança, mesmo que pequena, de mudar os rumos da história. O mais impressionante é que, dentre as produções textuais dos alunos da turma de 8º ano em questão, a quase totalidade imaginou uma expectativa trágica de futuro e a maioria não percebeu a possibilidade de mudança. Parece-me inquestionável que dados como esses sejam relevantes e mereçam a atenção dos historiadores, em especial dos professores de história da educação básica. Se não fazemos o nosso destino, não podemos fazer história. Se um futuro assustador não pode ser evitado, por que estudar história?

O objetivo do presente artigo é, portanto, investigar as concepções de tempo apresentadas na produção textual de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Tal empiria foi produzida no curso da pesquisa “Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de História”, a qual coordenei no âmbito do Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa buscou identificar professores que tivessem sucesso no desafio de tornar o ensino de História significativo para os seus alunos e acompanhar as suas aulas em turmas da educação básica, recorrendo à gravação do

áudio dessas aulas, entrevistas com professores e propostas de atividades para investigar a produção textual dos alunos<sup>3</sup>.

Quatro professores foram acompanhados ao longo de todo o segundo semestre de 2014 e algumas análises preliminares já foram apresentadas em congressos<sup>4</sup>. Neste trabalho, focarei minha análise em apenas uma turma de um dos quatro professores, numa pequena escola particular no interior da cidade de São Gonçalo.

## I. Concepções de tempo

Precisamos usar metáforas ao falar sobre o tempo, pois só podemos representá-lo por meio do movimento em unidades espaciais. O caminho que é percorrido daqui até lá, a progressão, assim como o progresso ou o desenvolvimento contém imagens que nos propiciam conhecimentos temporais. O historiador precisa servir-se dessas metáforas retiradas da noção espacial se quiser tratar adequadamente as perguntas sobre diferentes tempos. A história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente<sup>5</sup>.

A pesquisa “Negociando a distância entre passado, presente

---

<sup>3</sup> PENNA, Fernando de Araujo. Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de história. In: *Anais do XVI encontro regional de história da ANPUH-RIO: saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014.

<sup>4</sup> CALDAS, Renan Rubim. A concepção de tempo histórico de alunos da educação básica: a produção e a avaliação de uma ferramenta de pesquisa. In: *Anais do XVI encontro regional de história da ANPUH-RIO: saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014; RAMÔA, Hosana do Nascimento. O tempo histórico em aulas da educação básica: análises preliminares de uma prática docente. In: *Anais do XVI encontro regional de história da ANPUH-RIO: saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014.

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2014, p. 9.

e futuro em sala de aula” adotou como seu principal referencial do campo da história as reflexões teóricas de Reinhart Koselleck sobre o tempo, em especial o par de conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”<sup>6</sup> e a ideia dos “estratos de tempo”<sup>7</sup>. Esses três conceitos utilizam-se de metáforas espaciais, que serão aqui determinantes na minha proposta de concepção de tempo.

Os conceitos de *experiência* e *expectativa* propostos por Koselleck como ferramentas para estudar o tempo<sup>8</sup> podem nos ajudar a compreender melhor o texto produzido pela aluna Isadora e a definição que estou propondo de concepções de tempo. A *experiência* é o passado presente: os acontecimentos que ainda podem ser lembrados e que mobilizamos em nossas narrativas para entender o momento em que vivemos<sup>9</sup>. A experiência descrita pela aluna é de um mundo em que todos os dias vemos a humanidade caminhar para “um pior caminho”, conforme suas próprias palavras, que está ameaçado pelas consequências do consumo desregrado de recursos naturais. O presente é constituído por processos que tiveram início no passado, mas continuam se desenrolando e cujas consequências estão sendo vividas. A *expectativa* é o futuro presente, o ainda não experimentado e que pode apenas ser imaginado<sup>10</sup>. A expectativa imaginada pela aluna é o fim inevitável dos recursos que sustentam a vida na terra. Essa imagem do futuro leva em consideração as possíveis consequências não intencionais dos processos iniciados no passado ou no próprio presente.

É interessante notar como *experiência* e *expectativa* entrelaçam-se para criar uma imagem coerente. Essa constatação

---

<sup>6</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

<sup>7</sup> KOSELLECK, 2014.

<sup>8</sup> KOSELLECK, 2006, p. 13-18.

<sup>9</sup> KOSELLECK, 2006, p. 309, 310

<sup>10</sup> KOSELLECK, 2006, p. 310

tem relação com as estruturas temporais da experiência e da expectativa. “Eis a estrutura temporal da experiência, que não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa. Bem diferente é a estrutura temporal da expectativa, que não pode ser adquirida sem a experiência”<sup>11</sup>. Em outras palavras, reunimos e elaboramos as experiências do passado com base no que acreditamos que vai acontecer no futuro e criamos expectativas com base nas experiências que ainda nos parecem pertinentes em nosso presente. A aluna Isadora usou como experiência, dentre tudo o que ela sabe sobre a história, apenas aspectos negativos da trajetória da humanidade e, como expectativa, dentre todos os futuros possíveis, aquele no qual nossos recursos naturais acabam. Ampliar as experiências poderia ajudá-la a perceber outros futuros possíveis e a aumentar suas expectativas, a agregar outras experiências.

Existe a tendência de acreditar que apenas a experiência influencia a expectativa e não o contrário, mas, como vimos, essa é uma percepção equivocada. A experiência pode remeter ao acontecimento que lhe deu origem, mas não é idêntica a ele. Os acontecimentos passados não podem ser alterados, mas as experiências neles baseadas podem mudar com a passagem do tempo. Eis alguns exemplos, que aparecem implicitamente nas respostas dos alunos: a criação do motor de combustão e o uso do petróleo como combustível são inovações associadas à Segunda Revolução Industrial. Durante muito tempo, a experiência, que foi elaborada com base nesse acontecimento, era de que as pessoas estavam vivendo uma época de grande progresso. No entanto, com a experiência contemporânea dos problemas ambientais e a expectativa ameaçadora do aquecimento global, a experiência que extraímos daqueles acontecimentos mudou em grande parte e pudemos perceber, naquelas inovações, o início de um processo de devastação do meio ambiente. Experiências e expectativas interagem entre si e se modificam – a cada momento elas se relacionam de uma maneira característica a cada

---

<sup>11</sup> KOSELLECK, 2006, p. 313

presente histórico. Koselleck usa duas analogias espaciais para se referir a essa dinâmica: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. O objetivo dessas analogias seria “mostrar que a presença do passado é diferente da presença do futuro”<sup>12</sup>. Enquanto a experiência é espacial porque se aglomera para formar um todo, o horizonte é uma linha por detrás da qual se abrem novos espaços de experiência que ainda não podem ser vistos, mas somente imaginados.

O foco da nossa análise está na concepção de tempo apresentada pelos alunos. Essa concepção é constituída por diferentes maneiras de nos relacionar com *o passado*, *o presente* e *o futuro*, e as diferentes configurações entre essas três dimensões temporais. Tais dimensões, na minha compreensão, incluem a dinâmica entre as experiências e as expectativas de cada um dos vários indivíduos, grupos ou sociedades, mas também os potenciais elementos para a formulação de novas experiências e expectativas. *O presente* é o ponto de encontro ou ruptura entre o passado e o futuro, composto tanto pelo passado presente quanto pelo futuro presente, tanto pelo espaço de experiência quanto pelo horizonte de expectativa de diferentes sujeitos, coletivos ou não. Podemos pensar o presente como um espaço e um horizonte comum geracional, em que diferentes experiências e expectativas podem ser encontradas. *O presente*, por um lado, pode ser um espaço mais estreito, que incorpore apenas as experiências das gerações contemporâneas, ou mais amplo, incorporando vivências de outros tempos e, por outro, um horizonte mais amplo, com múltiplos caminhos em direção ao futuro, ou mais estreito, com poucos ou apenas um caminho. Nessa analogia espacial, cada caminho seria uma possibilidade de futuro desejável e os obstáculos seriam possibilidades de futuro a serem evitadas. A existência de apenas um caminho pode ser explicada por uma possibilidade que parece dominante e obscurece as outras, ou pela presença de muitos obstáculos no horizonte. Existe, inclusive, a possibilidade de não se perceber nenhum caminho para além

---

<sup>12</sup> KOSELLECK, 2006, p. 311

do horizonte, que pareceria obstruído por algo que impediria a passagem (a expectativa de uma ameaça que não podemos evitar). Além de composto por espaços e horizontes comuns, mais estreitos ou mais amplos, uma outra variável é constituída pela percepção de uma continuidade ou ruptura entre ambos. O espaço de experiência pode parecer continuar e estender-se para além do horizonte – nesse caso a geração atual imagina a sua vida, e de seus descendentes, como essencialmente semelhante à dos seus antepassados – ou pode parecer que há uma descontinuidade entre os dois – a geração atual acredita que a sua vida futura será diferente, mais ainda a dos seus descendentes.

O *passado* e o *futuro* já estão, em grande medida, incorporados ao presente, mas não totalmente. Existem alguns aspectos dessas duas dimensões temporais que não são abrangidos pelo presente. É importante fazer essa ressalva para manter certo grau de incerteza com relação ao passado e ao futuro. A dimensão temporal do *passado* nos remeterá aos elementos desse passado que não foram incorporadas ao presente, às experiências que não fazem parte do nosso espaço experiencial. Em oposição a um passado presente, esse seria um passado ausente, que realmente já passou e não está mais aqui. É importante dizer que nada impede que essas experiências perdidas sejam recuperadas ou que novas experiências sejam elaboradas e enriqueçam o espaço experiencial. Sendo assim, podemos nos questionar se o passado está ficando para trás ou se está sendo incorporado ao presente, e com que velocidade as experiências de outras gerações perdem a pertinência para nós. O *futuro* nos remeterá ao fato de que as expectativas são apenas a imaginação dos espaços de experiência que estão além do horizonte, mas não correspondem aos acontecimentos futuros. Nenhum prognóstico pode prever a complexidade dos dias vindouros. A grande questão com relação ao futuro remete à relação entre o quanto os sujeitos percebem-se como agentes que podem mudar o curso dos acontecimentos de acordo com a sua vontade ou como pacientes que sofrem as consequências não intencionais dos atos passados da humanidade.

Entre um *passado* que deixa de ser pertinente para as gerações atuais com maior ou menor velocidade, um *presente* constituído na relação de continuidade ou descontinuidade entre um espaço de experiência e um horizonte de expectativas mais amplos ou mais estreitos e um *futuro* que podemos influenciar segundo a nossa vontade ou que foge completamente ao nosso controle, podem existir diferentes configurações. Essas configurações constituem as diversas concepções de tempo. Não falo em concepções de tempo histórico porque nem todas elas apresentariam um caráter propriamente histórico. Em termos abstratos e gerais, todo tempo no qual os homens agem e sofrem pode ser caracterizado como histórico, mas o que está em questão é a percepção dos indivíduos sobre a sua possibilidade de mudar o curso dos acontecimentos – a disponibilidade da história para ser feita<sup>13</sup>. Existem diferentes maneiras de se reunir as experiências e diferentes maneiras de imaginar o futuro, e algumas dessas configurações possíveis podem produzir um tempo propriamente histórico, no qual os indivíduos percebem-se capazes de fazer história, de mudar o seu futuro. Se utilizarmos esse sentido mais restrito e concreto de tempo histórico, ele nasce da tensão entre um espaço de experiência diferente de um horizonte de expectativas, que permanece, portanto, aberto com múltiplas possibilidades. Quando alguns dizem que não fazemos o nosso destino e a humanidade vem percorrendo, todos os dias, o pior caminho, podemos identificar concepções de tempo que não percebem a disponibilidade da história nem a possibilidade de uma agência histórica que mude os rumos da humanidade. Estamos, portanto, diante de uma concepção de tempo que não pode ser considerada propriamente histórica. Essa diferenciação será central na argumentação apresentada neste artigo<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> KOSELLECK, 2006, p. 233-246

<sup>14</sup> Koselleck e Gumbrecht corroboram esta leitura, ao afirmar, o primeiro, que o tempo histórico surge na virada do século XVIII para o século XIX e, o segundo, diz que o tempo histórico já teria acabado na contemporaneidade.

## II. Construção social do tempo

Antes de analisar as concepções individuais de tempo presentes nas produções textuais dos alunos, é importante problematizar a construção social do tempo. Tal nomenclatura foi proposta por Hans Ulrich Gumbrecht, que usa o conceito de “cronótopo” para referir-se a esse fenômeno<sup>15</sup>. Entenderei os cronótopos como concepções de tempo dominantes em uma sociedade. E qual seria a concepção de tempo dominante na nossa sociedade hoje? Nessa seção, recorrerei a Koselleck<sup>16</sup> e a Gumbrecht<sup>17</sup>, que fizeram diagnósticos diferentes sobre essa questão no nosso tempo presente. Mas, para nortear a nossa reflexão, partirei de um diagnóstico da concepção de tempo no nosso momento histórico produzido pelo professor dos alunos que escreveram os textos que irei analisar. Devo reforçar que o objetivo, no presente texto, não é investigar essa breve passagem de uma aula, mas utilizar o seu diagnóstico como um ponto de partida para a nossa discussão. A intenção é contrapor diagnósticos diferentes da nossa construção social do tempo para apresentar as bases sobre as quais fundamos a ferramenta de pesquisa que orientou a produção textual dos alunos.

Nós vamos falar das evoluções no século XIX. O século XIX, ele foi um século de muitas incidências. Eric Hobsbawm, ele fala que a Idade Média foi muito longa e que o século XVII, XVIII foi muito longo. A partir do século XIX vai começar a ter uma aceleração, ao ponto que o século XX vai ser extremamente curto. Uma coisa que eu sempre vou falar para vocês, que eu não vou cansar de repetir, é a velocidade com que as coisas se transformaram durante

---

<sup>15</sup> Gumbrecht afirma que o conceito de cronótopo foi originalmente proposto por Mikhail Bakhtin e que sua apropriação do conceito não pretende dar conta da sua complexidade no pensamento desse autor russo. No presente texto, ele será utilizado como sinônimo de construção social do tempo, como proposto em GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Our broad present: time and contemporary culture*. New York: Columbia University Press, 2014a, p. 50.

<sup>16</sup> KOSELLECK, 2006, 2014.

<sup>17</sup> GUMBRECHT, 2014a.

o decurso da humanidade, especialmente no último século. A partir da Primeira Guerra Mundial, a tecnologia, ela vai dar um salto geométrico. Tudo que não evoluímos nos últimos cinco séculos antes da Revolução Industrial, nós iremos evoluir, em basicamente sessenta anos, setenta anos.

(transcrição de parte de uma aula ocorrida no dia 13/8/2014)

O professor começa a sua aula sobre a Segunda Revolução Industrial falando sobre o século XIX e caracterizando-o como um período de muitas incidências, no qual começa uma aceleração. Ele diferencia esse período dos séculos anteriores, que seriam longos, e do século XX, extremamente curto. Aqui existe uma referência à obra de Eric Hobsbawm, mas não há uma explicação sobre a relação entre a aceleração da “velocidade com que as coisas se transformam” e a maior ou menor duração dos séculos. Essa discussão complexa (que, se não trabalhada com cuidado, pode gerar grande confusão entre os alunos) não parece ser o foco da sua aula e sim a ideia da aceleração da velocidade das transformações, que começa no século XIX e se intensifica imensamente no século XX, a partir da Primeira Guerra Mundial. De maneira inesperada, os minutos seguintes dessa aula são dedicados a ilustrar essa rápida transformação no curto século XX. Seria essa aceleração da velocidade com que as coisas se transformam, iniciada no século XIX, um elemento importante da nossa experiência do tempo hoje? Koselleck dedicou grande parte da sua obra a essa questão.

Koselleck afirma que, justamente na passagem do século XVIII para o século XIX, surgiu o conceito moderno de “História”. Na sua pesquisa sobre a história dos conceitos, o autor percebe que, nesse período, o termo alemão *Geschichte* (História) vai incorporar o campo semântico de *Historie* e reunir diferentes sentidos: os acontecimentos e a narrativa destes, além da própria ciência acadêmica<sup>18</sup>. Junto com esse conceito, surgiria a ideia de um tempo propriamente histórico. Antes do século XIX, o

---

<sup>18</sup> KOSELLECK, Reinhart... [et al.] *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 119-184.

campo de experiência englobava o horizonte de expectativas, ou seja, as pessoas não viam uma ruptura com o passado e acreditavam que suas vidas seriam basicamente similares às dos seus antepassados: as experiências passadas repetir-se-iam no futuro<sup>19</sup>. A história não era vista como disponível para ser feita e alterada pelos indivíduos. Isso muda com a Primeira Revolução Industrial e a Revolução Francesa: as transformações pareciam acelerar-se e as percepções do tempo e da história se alterar. Por causa desse coeficiente de mudança, as experiências do passado não podiam mais ser transpostas para o futuro – houve uma separação entre o horizonte de expectativas e o espaço de experiência, além de uma transformação de ambos. O espaço de experiência restringiu-se à vivência das gerações recentes, assumindo a forma de um pequeno espaço de transição em constante mudança e o horizonte de expectativas apontava para um futuro aberto de múltiplas possibilidades, no qual a humanidade parecia ter a liberdade para escolher seu rumo (a disponibilidade da história), caminhando para um lugar melhor (a noção de progresso)<sup>20</sup>. Essa é a construção social do tempo característica a partir do século XIX, entendida aqui como uma concepção de tempo preponderante nesse período. A percepção de uma aceleração das mudanças, especialmente tecnológicas, permanece conosco, mas será que essa é ainda a nossa construção social do tempo? Essa é ainda a concepção de tempo dominante na contemporaneidade?

O avanço tecnológico continua cada vez mais rápido e o consumo acompanha essa velocidade – a aceleração das mudanças permanece –, mas a ideia de progresso – de que estaríamos caminhando para um futuro melhor – ainda é dominante? Ainda percebemos um futuro aberto que pode ser alterado? Ainda confiamos na nossa capacidade de fazer história? O passado ainda está sendo deixado para trás cada vez mais rápido? Eis a continuação do diagnóstico produzido por esse professor:

---

<sup>19</sup> KOSELLECK, 2006, p. 314-316.

<sup>20</sup> KOSELLECK, 2006, 2013.

Então essa sociedade, esse avanço tecnológico, ele vai trazer uma consequência muito clara para a sociedade moderna. Que é o que? Consumo. [...] O que está acontecendo é que a geração de vocês, ela é muito voraz, é muito consumidora e o tempo está cada vez menor para vocês, apesar de tanta tecnologia que vocês têm. E tudo isso vai ter o seu *start* nessa época de grandes transformações. E o futuro está cada vez mais próximo de você ter realidades visuais mais bem acabadas. Já preveem que em 2030 você vai ter videogame com seu holograma. Ao mesmo tempo, que isso é interessante notar, que você está tendo um retorno também. Apesar da tecnologia, algumas pessoas da geração de vocês tem uma nostalgia de coisas que vocês não viveram. Porque é como diz Renato Russo “Só você tem a cura para a saudade que eu sinto de tudo que eu ainda não vi”. Que apesar de tudo, toda essa coisa que vocês têm, vocês gostam de coisas da minha época. Músicas da minha época [Alunos: É mesmo. São muito legais. Músicas que eu gosto]

O diagnóstico desse professor sobre a concepção de tempo dominante na sociedade contemporânea não parece corresponder àquela originada na virada do século XVIII para o XIX. O professor afirma que, apesar de toda a tecnologia disponível, o tempo estaria cada vez menor para a geração desses alunos. O que será que ele quis dizer? Talvez toda essa tecnologia, com o entretenimento e a informação, esteja soterrando as pessoas, que não têm tempo livre para digerir tudo aquilo que é consumido. O diagnóstico de um tempo cada vez menor pode articular a falta de tempo com a impressão de que já não temos um futuro aberto com possibilidades positivas pela frente. Logo depois da citação acima, para fechar essa introdução da aula, o professor conta que, em um evento de família, viu crianças largando os seus celulares e brincando de corrida com tampinhas de garrafa (uma brincadeira típica da sua infância). Esse foi o seu comentário:

Professor: Não sei se era porque era dia dos pais e coisa, mas os moleques de doze anos, oito anos brincando com isso, então de

certa forma, eu ainda tenho esperança na humanidade.

Aluno: Eu duvido!

Professor: É... o apocalipse zumbi vai chegar antes [em tom jocoso].

O futuro não parece mais aberto com inúmeras possibilidades, pelo contrário, parece fechado, bloqueado por ameaças: o apocalipse zumbi, a falta de água, o aquecimento global, o terrorismo, a corrupção etc. Uma mudança, relacionada a esse horizonte de expectativas fechado por ameaças, também pode ser percebida no espaço de experiências. O professor, no seu diagnóstico dessa geração, percebe que eles, os alunos, têm uma “nostalgia de coisas que não viveram”, ou seja, gostam de coisas do passado, como as músicas. Nas falas dos estudantes registradas nesse diálogo de sala de aula nota-se a concordância com o diagnóstico apresentado pelo professor. Esse diálogo apresenta uma semelhança significativa com a descrição da construção social do tempo feita por Gumbrecht.

Koselleck descrevia uma concepção de tempo histórico, surgida na virada do séc. XVIII para o XIX, no qual o passado ficava para trás cada vez mais rápido, o presente era um breve espaço de transição cada vez mais curto e o futuro era aberto, com inúmeras possibilidades. Gumbrecht chama tal cronótopo de historicista e afirma que ele já acabou<sup>21</sup>. Seu processo de desintegração teria se intensificado depois da Segunda Guerra Mundial, dando início a um período de latência no qual esse cronótopo ainda não teria se dissolvido completamente e uma nova forma de construir socialmente o tempo estaria emergindo<sup>22</sup>. Nesse novo cronótopo, que já estaria estabelecido, o futuro teria se fechado, repleto de ameaças, o passado teria deixado de ficar para trás e viveríamos em um presente amplo, repleto de

---

<sup>21</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora?* In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeci Lopes de (orgs). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

<sup>22</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014b.

simultaneidades. Curiosamente, Gumbrecht escolhe a música, assim como o professor, para explicar esse fenômeno:

Entre um futuro fechado de um lado, e um passado que, de repente, nos está inundando, o presente já não é um presente de transição. Eu acho que estamos morando em um presente cada vez mais repleto de simultaneidades. [...] Qual seria a música de hoje? Qual é a música de 2009? Eu me lembro bem do ano de 1963, você podia dizer exatamente que a música era dos Beatles. Não existiam ainda na Alemanha os *old records*, os discos antigos ainda não existiam. Um amigo meu, cujo pai era cirurgião, trouxe a música dos Beatles da Inglaterra, fizemos uma festa. Sabíamos que aquela era a música do nosso momento. Eu acho que não existe a música de nosso momento porque já não se consegue esquecer<sup>23</sup>.

### **III. A criação da ferramenta e os critérios de análise**

O diagnóstico formulado pelo professor em sala de aula parece indicar que a nossa construção social do tempo aproximar-se-ia mais da descrição feita por Gumbrecht (passado que não passa, presente amplo de simultaneidades e futuro fechado por ameaças) do que aquela formulada por Koselleck (deixar o passado para trás cada vez mais rápido, presente como breve tempo de transição, e futuro aberto de possibilidades). Esse diagnóstico, se corroborado por mais indícios, teria um impacto importante sobre o ensino de História. Com o objetivo de investigar com qual concepção de tempo os alunos estariam operando, formulamos uma ferramenta de pesquisa que visaria estimular a produção textual dos alunos. Tentamos formular dois textos que representassem algumas características de cada um dos cronótopos acima descritos e pedimos para que os alunos se posicionassem com relação a eles. Concretizamos essa proposta por meio de um desenho de duas crianças discutindo enfaticamente, dizendo:

---

<sup>23</sup> GUMBRECHT, 2011, p. 40.

Menino: Você tem que entender que a humanidade está caminhando para um futuro melhor! Nós construímos nossa própria história, nosso futuro! Você vê como estamos avançando tecnologicamente, como tudo está mais prático e como temos acesso mais fácil ao conhecimento!

Menina: Você está louco?! Como pode pensar uma coisa destas?! Olhe o que está acontecendo a sua volta! Vivemos num mundo de violência, fome, desigualdade social, degradação do meio ambiente e de destruição da camada de ozônio! Quanto tempo será que ainda temos?

Existem dois pontos a serem destacados na construção dessas falas. O primeiro é que, apesar de apontarem para visões diferentes de futuro, ambas as crianças se baseiam em uma descrição do presente, sendo que o menino no seu aspecto positivo (o avanço tecnológico e suas consequências benéficas) e a menina no seu aspecto negativo (a desigualdade social e a questão ambiental). O segundo ponto diz respeito à visão de futuro proposta com base nessas descrições antagônicas do presente. Dois extremos se fazem representados: o menino fala em um futuro necessariamente melhor, construído pela humanidade, e a menina deixa implícita a inexistência de um futuro e, conseqüentemente, a impossibilidade de mudarmos o rumo terrível dos acontecimentos. Diante desse diálogo, pedimos para os alunos: “Imagine que você é a terceira pessoa neste debate. O que você falaria? Construa seu argumento”.

A análise teve como foco dois elementos: como os alunos descreveram o (passado) presente (concordaram com a descrição negativa ou positiva do presente? Tentaram relacionar as duas descrições contraditórias?) e como projetaram o futuro (presente) (a humanidade caminha necessariamente para o seu fim ou ainda podemos mudar a história?). O mais importante para a nossa investigação foi perceber se os alunos falariam na possibilidade de mudar o rumo dos acontecimentos, se eles perceberiam a possibilidade de fazer história. Não importava tanto com qual dos dois personagens os alunos indicariam explicitamente concordar, mas a sua argumentação como um todo. O texto abaixo começa

concordando com o menino, mas o desenvolvimento do texto contradiz a posição inicial:

O menino está certo, estamos nos desenvolvendo muito rápido. Mas para esse desenvolvimento está acontecendo muitos tipos de violência, pessoas passando fome, pessoas com bastante dinheiro e pessoas sem, acabando com o meio ambiente e destruição da camada de ozônio. Estamos nos matando a cada segundo. (Bruno)

Esse aluno articulou o aspecto negativo e o positivo da descrição do presente, tornando todos os problemas contemporâneos consequência do avanço tecnológico. Ele não fala na possibilidade de conter esse grande avanço e assume uma postura explicitamente fatalista, ao afirmar que *estamos nos matando a cada segundo*. Outros alunos fizeram essa relação, mas sem tirar conclusões dela:

Ambos estão certos, por mais que a humanidade esteja evoluindo tecnologicamente, esse avanço também vem com um preço, que é a desigualdade social, fome e violência. (João)

Nos dois casos acima, não há qualquer menção à possibilidade de mudar ou desacelerar esse processo, o que nos leva, especialmente no texto do Bruno, a um futuro fechado, sem alternativas aos problemas relatados. Um dado interessante de ser percebido é que esses alunos estão se sustentando nessas visões sobre o presente para projetar o futuro. Como diria Koselleck, cada horizonte de expectativas é projetado com base em um campo de experiências. O texto abaixo deixa explícita essa relação:

Sim, o mundo está acabando e são as próprias pessoas que estão fazendo isso. Sim, estamos avançando tecnologicamente e temos mais acesso ao conhecimento, mas *o mundo de Hoje está uma desgraça*, ninguém se importa com ninguém, pessoas passando fome, desigualdade social. *O ser humano é o pior animal que existe.* (Marcos)

Lucas afirma que *o mundo de Hoje está uma desgraça*. Ele em nenhum momento fala do que está por vir, mas podemos deduzir, por sua perspectiva desiludida da humanidade, que nada de bom pode acontecer no futuro. Temos que lembrar também que a definição de espaço de experiências proposto por Koselleck remete ao passado presente. Quando o aluno fala que o mundo de hoje está uma desgraça, todo passado avaliado negativamente é lembrado e ajuda a compor essa imagem pessimista. O problemático é quando essa imagem do passado presente torna-se necessariamente um futuro presente, sem possibilidade de mudança.

#### **IV. A essencialização**

A passagem do tempo é o que possibilita a mudança. Se o tempo para, tudo permanece como está. Compreender que algo muda com a passagem do tempo é perceber a sua historicidade. Não há história sem mudança e esta é representada no discurso por intermédio da narrativa. A história só avança na narrativa graças à sucessão de acontecimentos, normalmente relacionados por meio de vínculos causais. O próprio Koselleck afirma que a constituição mínima do evento é a existência de um antes e um depois, ou seja, a percepção de que algo mudou<sup>24</sup>. Por isso, quando os alunos não mencionam a possibilidade da mudança e escrevem sobre algo que começou no passado, permanece no presente e que imaginam que continuará no futuro, eles essencializam a experiência.

A noção de essência, elaborada em filosofia, é não obstante familiar ao pensamento do senso comum, e suas relações com tudo quanto expressa são concebidas com base no modelo da relação da pessoa com seus atos. Vimos de que forma, a partir de certos atos característicos, chega-se a qualificar alguém de herói, a estabilizar os aspectos de uma pessoa. Por um procedimento

---

<sup>24</sup> KOSELLECK, 2006, p. 134.

análogo chega-se, a partir de um verbo, de um adjetivo ou de uma expressão que designa uma relação, a formar essências (“o jogador”, “o patriota”, “a mãe”), características de certas classes de seres cujo comportamento elas explicam<sup>25</sup>.

Uma surpresa, em se tratando de uma pesquisa sobre tempo, foi a essencialização de alguns elementos nas respostas dos alunos. Essencializar algo é remover a sua capacidade de mudar com a passagem do tempo, é cristalizar uma identidade que se torna una e imutável. A lógica narrativa converte-se em uma lógica descritiva, na qual nada muda e os acontecimentos apenas manifestam uma essência estável. A essencialização desconsidera toda a experiência contrária (será que em todos os momentos e em todos os lugares a humanidade trilhou o pior caminho?) e transforma o processo histórico em um destino contra o qual não podemos lutar.

O maior alvo da essencialização, nas respostas dos alunos, foi a própria humanidade. Como vimos acima, a humanidade foi acusada de ser o pior animal que existe. Alguns alunos parecem condenar uma suposta natureza do homem, sem apontar a possibilidade de mudança:

O ser humano é uma espécie acomodada, muitos nem se mexem para construir um mundo melhor para seus descendentes. Hoje em dia o mundo é muito desigual, existe muito dinheiro nas mãos de poucos. Muitos só se importam com si mesmo, não pensam no próximo. Poucas pessoas são exceções, essas poucas são as que pensam no bem do próximo e do mundo. Se formos contar com a maioria, o mundo está perdido! (Mariana)

Se as pessoas fossem mais humildes e ligassem mais para o mundo, não sendo tão fúteis e ligando apenas para si mesmos, o mundo não estaria desgraçado, seria tudo melhor e mais limpo, porque com tanta tecnologia o mundo não estaria tão destruído,

---

<sup>25</sup> PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 372-373.

mas as pessoas não se importam mais com isso. Apesar de estar prejudicando a todos, a sociedade na maioria das vezes só se importa com as coisas banais. (Marina)

A essencialização de uma suposta natureza humana, especialmente sendo ela negativa, impossibilitaria a mudança dos rumos escolhidos pela humanidade e uma visão alternativa para o futuro terrível que nos espera. Se a experiência presente repetir-se-á no futuro, não há possibilidade de tempo histórico. O outro grande alvo das essencializações dos alunos foram os políticos:

Em minha opinião é que o Brasil nunca vai mudar com esses políticos merdas que temos hoje em dia. A violência irá continuar, a fome na maioria das cidades, o racismo que nunca irá acabar. Esse governo que estamos hoje é uma merda, imagine o que virá depois. (Rodrigo)

Rodrigo foi extremamente fatalista. A sua essencialização da figura do político, que já é ruim agora e tende a piorar, não permite imaginar um futuro melhor. Outro dado interessante a ser observado na resposta acima é que, apesar da proposta da atividade não fazer nenhuma menção ao Brasil, muitos alunos tomaram o país como espaço de referência para as suas respostas. E o país foi outro alvo da essencialização:

Eu concordo mais com o menino. Se bem que a menina também não está errada, pois nosso país só é bom aos olhos de quem está do lado de fora, mas é um horror do lado de dentro. (Matheus)

Você está certa, menina. O nosso país está avançando tecnologicamente, porém os outros países estão avançando muito mais. A criminalidade está aumentando cada vez mais, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A poluição está trazendo problemas de saúde, morte de animais, e muitos outros malefícios. Os animais estão saindo do seu habitat por causa das queimadas, a devastação de várias árvores, e por isso está acontecendo a extinção de várias espécies animais e está causando um desequilíbrio ambiental. Realmente, não sabemos quanto tempo ainda restará! (Alberto)

O próprio Brasil, ao ser usado como referência nas respostas, constitui um terceiro alvo da essencialização por parte dos alunos: ele não mudará devido aos políticos, só é bem visto de fora e avança menos do que outros países. Paradoxalmente, quando um aluno se refere nominalmente a outros continentes ou países, é para mostrar como ainda existem outros lugares muito piores, e o continente africano e o Haiti são essencializados como lugares de pobreza:

A menina está certa! O fato de termos tecnologia e tantas outras coisas não valem de nada se daqui a algum tempo não tivermos vida. É ridículo pensar que está tudo certo porque na maioria das vezes as coisas só estão boas para nós mesmos. Pare e pense: você acha que o povo no Haiti concordaria com você, menino? E o povo na África? Será que eles acreditam no amanhã? E o pior é que quem pode ajudar, mesmo que um pouco, simplesmente não dá a mínima porque só olham para sua própria situação. Tem gente que é tão pobre que tudo o que eles têm é dinheiro. (Joana)

Essencializar, em suma, incorre tanto na estabilização de uma característica quanto na eliminação da diversidade de características. Além de eliminar a possibilidade de mudança, apaga a diversidade. A humanidade pode ser gananciosa, mas ela não tem outras características? Para que a ganância seja vencida, a humanidade precisa de qualidades que possam prevalecer sobre essa característica negativa. Se o homem for mesmo o pior animal que existe e estivermos caminhando pelo pior caminho todos os dias, realmente não há esperanças.

## **V. A responsabilidade de fazer acontecer**

Na minha opinião, vocês deveriam entrar em um consenso e ver os dois lados da moeda. Realmente a humanidade caminha para um futuro melhor, com uma tecnologia que deixa tudo mais fácil, porém não adianta termos só tecnologia e não termos uma educação de qualidade e até árvores no mundo. A violência não

é fácil de combater, menina, mas também devemos ver que só reclamando não mudaríamos nada, devemos exigir nossos direitos como cidadãos e não só reclamar e sim fazer acontecer. Menino, a tecnologia é muito importante, mas sem tudo o que a menina disse não conseguiríamos ter uma vida boa e de qualidade. (Marta)

Seis alunos, apesar de representarem uma minoria em uma turma de 25, conseguiram perceber a possibilidade da mudança. O mais interessante é que, dentre esses seis, nenhum negou os aspectos negativos da visão do (passado) presente apresentada pela personagem feminina, mas rechaçaram a visão fatalista do futuro (presente). O texto reproduzido imediatamente acima talvez seja o que melhor representa essa recusa a desistir do futuro – sua autora entra literalmente no diálogo e, dirigindo-se à menina, afirma que só reclamar não leva ninguém a lugar algum e conclama todos a lutarem por um futuro melhor. Marta nega-se a aceitar apenas uma descrição parcial sobre o presente e propõe que vejamos os dois lados da moeda. Talvez essa visão da complexidade do presente, com seus aspectos negativos e positivos, permita que ela perceba a possibilidade da mudança e, até mais importante do que isso, assuma a responsabilidade por essa mudança, como alguém que se percebe capaz de mudar o rumo dos acontecimentos, como uma agente histórica. Não acontece o mesmo no texto abaixo:

Eu sou a favor de um mundo melhor ecologicamente, apesar de eu gostar das tecnologias de hoje em dia, mas, se progredirmos de bem com o meio ambiente, haverá tanta melhoria até nos termos de saúde. O dinheiro gasto com guerras ou roubado na corrupção, se convertido corretamente para o combate contra a fome, a violência, a desigualdade, etc. grandes mudanças poderiam ser possíveis. O que estamos vivendo hoje, ainda pode ser mudado, mas com urgência e eficiência. (Ana)

Ana coloca-se favorável ao meio ambiente, mas não se percebe na posição de agente da mudança. Sua resposta dá a entender que os países do mundo deveriam investir os seus

recursos na resolução dos problemas que realmente importam e, nesse caso, grandes mudanças ainda seriam possíveis se realizadas *com urgência e eficiência*. Mesmo situada em um presente percebido negativamente, ainda existe a possibilidade de mudança desde que esta seja posta em ação logo.

A tecnologia é muito boa, mas também devemos usá-la ao nosso favor. Não devemos também esquecer o que está acontecendo ao nosso redor, devemos olhar para as pessoas que estão morrendo de fome, para os pobres, etc. Devemos sair do mundo virtual e voltar para a vida real e parar de pensar em si e pensar nas outras pessoas. (Maria)

A humanidade, no texto de Maria, parece recobrar o seu potencial de mudança. Uma palavra, em especial, apareceu na resposta acima e nas seguintes: o verbo *dever*, fortemente associado à ideia de obrigação moral e de responsabilidade. A humanidade continua sendo vista em perspectiva negativa – é egoísta e vive num mundo virtual –, mas ela pode mudar. *Devemos voltar para a vida real e pensar nas outras pessoas*. Já na opinião de Paula, a autora do próximo texto, *devemos pôr a mão na consciência e ajudar as pessoas*:

Eu diria que a segunda fala está um pouco mais coerente que a primeira, pois realmente o Brasil vive uma situação um tanto quanto complicada, a desigualdade social está predominando, a violência só aumenta, a fome está acabando com a população, então devemos pôr a mão na consciência, parar de pensar só em tecnologia e ajudar o nosso Brasil e as pessoas, pois evolução e tecnologia não vão salvar ninguém! (Paula)

O Brasil, outro alvo preferencial das essencializações, recobra o seu potencial de mudança graças aos brasileiros que têm o poder de mudar a sua história. Novamente, não há uma negação de *uma situação um tanto quanto complicada*, mas ela vem acompanhada de um chamado para a ação. O fato de o

verbo *dever* aparecer na primeira pessoa do plural é um indício importante, porque as autoras dos textos estão assumindo a responsabilidade pela mudança. Não é uma responsabilidade do governo, mas de todos. Essa ideia está explicitada no texto abaixo:

O mundo pode ser melhor se as pessoas forem mais solidárias, não é só o governo que tem que ajudar os pobres, as pessoas podem se ajudar, o governo tem que apenas criar a base e o povo faz evoluir. Acabar com o desmatamento e a desigualdade social. Menino, você está certo, mas deveria se investir menos em tecnologia e mais no país. (Vanessa)

Não são apenas os políticos que podem fazer algo, Vanessa afirma que todos devem assumir a responsabilidade de ajudar os pobres e o governo deve apenas criar a base para isso. As duas últimas frases parecem indicar as metas dessa ação e o verbo *dever* aparece novamente, mas dessa vez no singular. O último dos textos, reproduzido abaixo, também convida a todos nós para a ação:

Nem todo mundo tem a tecnologia em mãos, muitos não têm o que comer, tem pessoas que não tem aonde trabalhar e não tem uma condição financeira aonde possa se sustentar e sustentar a família. Temos que lutar pela igualdade social, para que o governo dê a oportunidade de trabalho aos desempregados, para vivermos em um país aonde a violência, fome, desigualdade social, racismo não existem.

Diga não à desigualdade social. (Fabio)

## **VI. Considerações finais**

As análises da produção textual dos alunos permitem algumas considerações sobre a concepção de tempo e seu caráter propriamente histórico ou não. Defini a concepção de tempo como as diferentes maneiras de nos relacionar com *o passado*, *o presente* e *o futuro* e as diferentes configurações entre essas três dimensões temporais. Primeiro, começarei descrevendo a

tendência predominante entre os textos, para, em um segundo momento, deter-me sobre uma minoria que pensou diferente e, por fim, farei algumas breves considerações sobre a formação e a prática dos professores de história.

A própria ferramenta de pesquisa que orientou a produção dos alunos propunha principalmente uma reflexão sobre o *presente* na sua relação entre o passado presente e o futuro presente, mas algumas observações podem ser feitas sobre o *passado* (as experiências ausentes do espaço experiencial) e o *futuro* (caráter ativo ou passivo com o qual nos dirigimos ao futuro ou o percebemos chegar). O dado mais preocupante na produção textual da maioria dos alunos é que eles narraram um processo muito linear e simples, que apaga a complexidade do *passado* e acaba com a possibilidade de mudanças no *futuro*. Outras experiências – além do desrespeito à natureza e da desigualdade social – são ignoradas, relegadas a um *passado* que parece ter ficado esquecido. Não há menção a outros povos do passado, ou mesmo do presente, que poderiam nos mostrar maneiras diferentes de a humanidade se relacionar com o planeta e os seres humanos consigo mesmos. O *futuro* parece totalmente fechado por ameaças e não são percebidas soluções viáveis para salvar o planeta a longo prazo. Essas formas de se relacionar com passado e futuro são importantes para a construção do presente na sua relação entre o espaço de experiência (passado presente) e o horizonte de expectativas (futuro presente). Foi constatada nos textos dos alunos a mobilização de experiências convergentes e expectativas restritas, nos dois casos extremamente negativas, indícios de um espaço de experiências e de um horizonte de expectativas igualmente restritos.

As concepções sobre as personagens históricas e suas possibilidades de mudarem o rumo dos acontecimentos completam esse quadro sobre a concepção de tempo identificável na maioria dos textos, se podem ser consideradas propriamente históricas ou não. A maioria dos alunos não explicitou nos seus textos uma concepção de tempo que incluía a possibilidade de mudança nem da história em si, nem dos personagens históricos. Com relação à possibilidade de a história mudar, grande parte dos alunos foi extremamente fatalista. O fim da humanidade seria

apenas questão de tempo. Os diversos personagens históricos, por sua vez, sofreram um processo de essencialização, perdendo a sua capacidade de mudar e, conseqüentemente, de mudar a história. A maioria dos alunos não se percebia como um agente histórico. As concepções de tempo apresentadas pela maioria não foram propriamente históricas.

A correlação entre a maneira como os alunos se relacionaram com as três dimensões temporais e a ausência da crença na possibilidade de mudança constituem uma concepção de tempo fatalista e que não pode ser considerada propriamente histórica. Aqui a dinâmica entre a maneira como nos relacionamos com as experiências do passado e criamos expectativas para o futuro revela-se: quando não acreditamos na possibilidade de mudar o rumo dos acontecimentos, a ausência de uma pluralidade de experiências contribui para a também ausência de uma pluralidade de expectativas e vice-versa. A *mobilização de experiências* que aponta apenas para o mesmo sentido constitui um indício duplo de um espaço de experiência estreito, no qual não existem outras experiências para serem lembradas, e uma forte expectativa, que faz com que escolhamos apenas as experiências que parecem apontar para ela. A *imaginação de apenas um futuro possível* remete para a existência de uma expectativa muito mais provável do que todas as outras e para um espaço de experiência estreito em que não encontramos experiências para sustentar outras expectativas. Um espaço de experiência estreito despidido da crença do poder dos sujeitos de mudar a história resulta numa visão fatalista do futuro, fechado por ameaças.

Mas a capacidade desse sujeito de imaginar o futuro de acordo com os cenários alterados por seu comportamento estaria bloqueada ou, no mínimo, significativamente reduzida. Para ele a dimensão da ação, ou seja, a dimensão da transformação permanente e, portanto, constante renovação do mundo passou a assumir um papel menos central do que aquele que costumávamos ver na modernidade e que ainda pressupomos sem questionamento<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2012, p. 98.

Uma das características da nossa construção social do tempo, segundo Gumbrecht, é que a dimensão da transformação permanente perdeu seu papel central e a crença no nosso poder de mudar o futuro estaria bloqueada. As produções textuais dos alunos analisadas parecem corroborar essa interpretação, o que teria um impacto devastador no ensino de História na educação básica e na formação de professores para atuar na área. No entanto, Gumbrecht levanta a possibilidade da crença na nossa capacidade de mudar a história estar significativamente reduzida e não totalmente bloqueada. A existência de poucas respostas que ainda se colocam no lugar de agentes históricos é um indício dessa redução, mas não de um bloqueio. Essa constatação deve nos servir como um alerta sobre o desafio, ainda mais intenso no nosso tempo presente, de construir a ideia de que o curso dos acontecimentos ainda pode ser alterado e que os sujeitos, especialmente os próprios alunos, são agentes dessa mudança.

Investir em atividades que visem identificar as concepções de tempo nos textos escritos pelos alunos, e não apenas verificar a memorização de conteúdos, pode ser um caminho nesse sentido. Investigar as estratégias já adotadas por professores que conseguem tornar o ensino de História significativo para os alunos também constitui uma aposta interessante. A análise dos últimos textos reproduzidos no presente artigo indica que, mesmo reconhecendo os problemas ambientais e sociais do nosso presente, ainda podemos construir com os alunos o valor da responsabilidade, baseada na nossa possibilidade de mudar a história e na urgência de enfrentar esta tarefa o quanto antes.

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.

José Saramago<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.